

Guy de Maupassant

Uma aventura parisiense  
e outros contos de amor

*Tradução de*  
AMILCAR BETTEGA



PENGUIN

---

COMPANHIA DAS LETRAS

Copyright da seleção © 2013 by Penguin-Companhia das Letras

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

Penguin and the associated logo and trade dress are registered and/or unregistered trademarks of Penguin Books Limited and/or Penguin Group (USA) Inc. Used with permission.

Published by Companhia das Letras in association with Penguin Group (USA) Inc.

PREPARAÇÃO

Maria Cecília Caropreso

REVISÃO

Adriana Cristina Bairrada

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

---

Maupassant, Guy de, 1850-1893.

Uma aventura parisiense e outros contos de amor / tradução de Amílcar Bettega. — 1ª ed. — São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2013.

ISBN 978-85-63560-75-9

1. Contos franceses I. Título.

13-08020

CDD-843

---

Índice para catálogo sistemático:

1. Contos: Literatura francesa 843

[2013]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500 Fax: (11) 3707-3501

[www.penguincompanhia.com.br](http://www.penguincompanhia.com.br)

[www.companhiadasletras.com.br](http://www.companhiadasletras.com.br)

[www.blogdacompanhia.com.br](http://www.blogdacompanhia.com.br)

## Sumário

Um ardil	9
Sobre a água	16
A morta	23
A empalhadora	29
Despertar	37
A desconhecida	43
Divórcio	50
Uma aventura parisiense	60
As sepulcrais	68
A cabeleira	77
Berthe	86
A confiança	97
Um sábio	103
O modelo	110
A acha	118

Uma aventura parisiense  
e outros contos de amor

## Um ardil

O velho médico e a jovem paciente conversavam à beira da lareira. Ela estava apenas um pouco indisposta em razão dessas doenças femininas que com frequência acometem as belas mulheres: um pouco de anemia, nervos e uma suspeita de fadiga, essa fadiga que por vezes têm os recém-casados ao fim do primeiro mês de união, quando se casaram por amor.

Ela estava estendida sobre a *chaise-longue* e falava. “Não, doutor, não vou aceitar jamais que uma mulher traia seu marido. Admito até que ela não o ame, que não tenha nenhuma consideração por suas promessas, suas juras! Mas como ousar entregar-se a outro homem? Como esconder isso aos olhos de todo mundo? Como conseguir amar na mentira e na traição?”

O médico sorria.

“Quanto a isso, é fácil. Garanto que não se pensa muito em todas essas sutilezas quando o desejo começa a tentar. Tenho mesmo certeza que uma mulher não está madura para o verdadeiro amor antes de ter passado por todas as promiscuidades e todos os desgostos do casamento, que é apenas, segundo um homem ilustre, uma troca de maus humores durante o dia e de maus odores durante a noite. Nada mais verdadeiro. Uma mulher não pode amar apaixonadamente antes de ter sido casada. Se pudesse compará-la a uma casa, eu diria que ela não é habitável até que um marido venha estreá-la.

“Quanto à dissimulação, todas as mulheres a têm para dar e vender em ocasiões como essas. Mesmo as mais simplórias são maravilhosas, e se saem com engenhosidade dos casos mais difíceis.”

Mas a moça parecia incrédula...

“Não, doutor, dá-se conta sempre mais tarde daquilo que se deveria ter feito nas ocasiões perigosas; e com certeza as mulheres são ainda mais propensas do que os homens a perderem a cabeça.”

O médico ergueu os braços.

“Mais tarde, você diz! Nós, os homens, não temos a inspiração senão mais tarde. Mas vocês!... Olhe, vou lhe contar uma pequena história que aconteceu com uma de minhas pacientes, por quem eu teria posto a mão no fogo, como se diz.”

\* \* \*

Isso se passou numa cidade do interior.

Uma noite, enquanto eu dormia profundamente um daqueles sonos pesados e tão difíceis de interromper, tive a impressão, em meio a um sonho obscuro, que os sinos da cidade tocavam sem parar.

De súbito acordei: era minha campainha, lá na rua, que tocava desesperadamente. Como meu criado parecia não responder, puxei o cordão que pendia acima da minha cama e em seguida portas bateram, passos quebraram o silêncio da casa adormecida, e Jean apareceu, portando uma carta que dizia: “A sra. Lelièvre roga ao sr. dr. Siméon que passe imediatamente em sua casa”.

Refleti alguns segundos. Eu pensava: crise de nervos, palpitações, blá-blá-blá, estou cansado demais. E respondi: “O dr. Siméon, bastante combalido, pede à sra. Lelièvre que faça o favor de chamar seu colega, o dr. Bonnet”.

Em seguida, devolvi o bilhete dentro de um envelope e voltei a dormir.

Cerca de meia hora mais tarde a campainha tocou novamente, e Jean veio me dizer: “É uma pessoa, um homem ou uma mulher (não vi direito, de tanto que está encoberta) que gostaria de falar um instante com o senhor. Disse que a vida de duas pessoas está em jogo”.

Pus-me em pé. “Faça-a entrar.”

Esperei, sentado na cama.

Uma espécie de fantasma negro apareceu, e, tão logo Jean saiu, se descobriu. Era a sra. Berthe Lelièvre, uma moça bem jovem, casada havia três anos com um grande comerciante da cidade que era visto como o homem que esposara a jovem mais bonita de toda a província.

Ela estava horrivelmente pálida, com essas crispações do rosto que têm os loucos, e suas mãos tremiam; duas vezes tentou falar, sem que nenhum som pudesse sair de sua boca. Por fim, balbuciou: “Rápido, rápido... rápido... Doutor... Venha. Meu... meu amante morreu em meu quarto...”.

Ela se interrompeu, sufocada, mas logo recomeçou: “Meu marido vai... vai voltar do grêmio...”.

Levantei-me de um pulo, sem nem mesmo atinar que ainda estava com a roupa de dormir, e me vesti em poucos segundos. Em seguida perguntei: “Foi você mesma que veio aqui há pouco?”. Ela, tesa como uma estátua, petrificada pela angústia, murmurou: “Não... foi minha empregada... ela sabe...”. Em seguida, após um silêncio: “Eu, eu tinha ficado... perto dele”. E uma espécie de grito de dor, terrível, escapou de seus lábios, e, após um novo sufocamento que lhe provocou estertores, ela chorou, chorou desbragadamente entre soluços e espasmos durante um minuto ou dois. De repente suas lágrimas estancaram, calaram-se, como secas por um fogo dentro dela; e tornada tragicamente calma: “Vamos, rápido!”, ela disse.

Eu estava pronto, mas protestei: “Arre, ainda não pedi que atrelassem meu cupê”. Ela respondeu: “Eu tenho um, tenho o seu que já o esperava”. Ela se encapotou inteira. E partimos.

Quando ficou a meu lado na penumbra do carro, ela me tomou bruscamente a mão e, apertando-a com seus dedos finos, balbuciou entre soluços, soluços vindos de um coração esfacelado: “Oh! se o senhor soubesse, se o senhor soubesse como sofro! Eu o amava, amava-o perdidamente, como uma insana, fazia seis meses”.

Perguntei: “As pessoas estão acordadas na sua casa?”. Ela respondeu: “Não, ninguém, a não ser Rose, que sabe de tudo”.

Paramos em frente à porta; de fato, todos dormiam na casa; entramos sem fazer barulho com a ajuda de uma chave mestra, e ei-nos a subir a escada na ponta dos pés. A criada, estarrecida, estava sentada no chão no alto da escada, com uma vela acesa ao lado, pois não ousara permanecer junto ao morto.

Entrei no quarto. Estava revirado como depois de uma luta. A cama amarrotada, pisada, desfeita, permanecia como que de braços abertos, a esperar; um lençol tinha sido arrastado até o tapete; toalhas molhadas, com as quais haviam enxugado as têmporas do moço, estavam jogadas no chão ao lado de uma bacia e de um copo. E um cheiro particular de vinagre de cozinha misturado a odores de Lubin\* causava repugnância desde a porta.

Ao comprido, de barriga para cima, no meio do quarto, estava estendido o cadáver.

Aproximei-me; observei-o; tateei; abri seus olhos; apalpei as mãos e, voltando-me para as duas mulheres que tremiam como se estivessem congelando, disse: “Ajudem-me a colocá-lo em cima da cama”. E o deitamos com cuidado. Então auscultei-lhe o coração e pus um espelho diante de sua boca; murmurei: “Acabou, vamos vesti-lo rápido”. Foi uma coisa horrível de ver!

Eu tomava seus membros um a um, como os de um enorme boneco, e metia-os dentro das roupas que as mulheres

\* Nome de uma célebre *eau de toilette*. (N.E.F.)

traziam. Colocamos as meias, a cueca, o culote, o gilê e depois o traje, onde custamos a fazer entrar os braços.

Quando foi preciso amarrar as botas, as duas mulheres puseram-se de joelhos, enquanto eu as iluminava; mas como os pés estavam um pouco inchados, a tarefa foi terrivelmente difícil. Sem encontrar os cadarços, elas usaram seus próprios grampos de cabelo.

Assim que a tenebrosa toaleta foi feita, examinei nossa obra e disse: “Seria bom penteá-lo um pouco”. A criada foi buscar o pente e uma escova de cabelo da patroa; mas como ela tremia e arrancava, com movimentos involuntários, os longos e embaraçados fios, a sra. Lelièvre tomou com violência o pente e recompôs a cabeleira com cuidado, como se a acariciasse. Refez a risca do penteado, escovou-lhe a barba e depois enrolou lentamente as pontas do bigode em torno do dedo, da mesma maneira que estava acostumada a fazer, sem dúvida, na intimidade do amor.

E de repente, largando o que tinha nas mãos, apanhou a cabeça inerte do amante e olhou longa, desesperadamente para aquele rosto morto que não mais lhe sorria; deixando-se cair sobre ele, abraçou-o inteiro, beijando-o com ímpeto. Seus beijos caíam como golpes na boca fechada, nos olhos apagados, nas têmporas, na fronte. Em seguida, aproximando-se da orelha, como se ele ainda pudesse escutá-la, como que para balbuciar as palavras que tornam as carícias mais ardentes, ela repetiu, dez vezes seguidas, com uma voz despedaçada: “Adeus, querido”.

Mas no relógio soou meia-noite.

Dei um pulo: “Minha nossa, meia-noite! É a hora que o grêmio fecha. Vamos, senhora, força!”.

Ela se reergueu. Ordenei: “Vamos levá-lo para a sala”. Agarramo-lo os três, e depois de carregá-lo eu o pus sentado num sofá e acendi os candelabros.

A porta da rua se abriu e fechou pesadamente. Era Ele, já. Gritei: “Rose, rápido, traga-me as toalhas e a bacia, e

arrume o quarto; vamos logo com isso, meu Deus! É o senhor Lelièvre que chega”.

Ouvi os passos subindo, se aproximando. Mãos na penumbra tateavam a parede. Então chamei: “Por aqui, meu caro: tivemos um acidente”.

E o marido, perplexo, surgiu na soleira da porta, um cigarro na boca. E perguntou: “O quê? O que é que há? O que é isso?”.

Fui até ele: “Meu caro, o senhor nos vê em meio a um grande apuro. Eu tinha ficado até tarde em sua casa a conversar com sua mulher e o nosso amigo aqui, que me trouxera em seu carro. Eis que ele desmaiou de repente, e faz duas horas que, apesar dos nossos socorros, continua desacordado. Eu não quis chamar estranhos. Ajude-me a descê-lo; cuidarei melhor dele em casa”.

O esposo, surpreso mas não desconfiado, retirou o chapéu; em seguida empunhou pelas axilas o seu agora inofensivo rival. Eu me pus entre as pernas, agarrando cada uma com um braço, como um cavalo atrelado a uma carroça; e assim fomos descendo a escada, agora iluminada pela mulher.

Quando chegamos à frente da porta, recoloquei o cadáver em pé e falei com ele, encorajando-o, para enganar o cocheiro: “Vamos, meu amigo, isto não é nada; você já se sente melhor, não é? Coragem, vamos, um pouco de coragem, faça um pequeno esforço, tudo está terminado”.

Como sentia que ele ia desabar, que me escorregava das mãos, dei-lhe um forte golpe com o ombro que o jogou para a frente, virando-o para dentro do carro, e subi atrás.

O marido, inquieto, perguntava: “O senhor acha que é grave?”. Respondi, sorrindo: “Não”, e olhei para a mulher. Ela havia dado o braço ao esposo legítimo e mergulhava seu olho fixamente no fundo escuro do cupê.

Apertei-lhes as mãos e dei ordem para partir. Durante todo o trajeto a cabeça do morto veio sacudindo e caindo sobre minha orelha direita.

Quando chegamos em sua casa, disse que ele havia desmaiado no caminho. Ajudei a subi-lo até o quarto e em seguida constatei a morte; eu encenava todo um novo teatro, agora diante da família abalada. Quando tudo terminou, voltei para a minha cama, não sem antes esconjurar os amantes.

O doutor se calou, sorrindo sempre.

A moça, tensa, perguntou:

“Por que o senhor me contou essa história horrorosa?”

Ele fez um cumprimento galante:

“Para oferecer-lhe os meus préstimos quando chegar a hora.”